

Durante os dias mais sombrios da Segunda Guerra Mundial, a minúscula Ile de Sein simbolizou o espírito invencível da Resistência — e conquistou um lugar especial no coração de Charles de Gaulle

A ILHA QUE DEFENDEU A FRANÇA

JACQUES OHANOSSIAN

QUANDO Charles de Gaulle foi enterrado em Colombey-les-deux-Eglises, a 12 de novembro de 1970, só sua família, os habitantes da vila e os sobreviventes condecorados com a Ordem da Libertação* se reuniram em torno do caixão de carvalho na serena igrejinha campestre. Foi assim que ele quis. Estas eram as pessoas que ele mais amara.

Ao lado de representantes de Paris, Nantes, Grenoble, Vaissieux-en-Vercors, quatro das cinco comunidades que possuem títulos coletivos da Ordem da Libertação, estava uma mulher que ninguém conhecia. Era

* A Ordem da Libertação, muito conhecida dos franceses, foi criada pelo General De Gaulle em 1940 para recompensar serviços distinguidos na libertação da França.

Madame Janine Kerloc'h e tinha vindo da Ile de Sein, uma ilhota varrida pelo vento, ao largo da Bretanha. Ela não administrava uma cidade de milhões, mas um punhado de famílias que ganhava a vida pobremente com a pesca. Porque sua ilha tinha recebido também a ambicionada Ordem da Libertação, ocupara através dos anos um lugar muito especial no coração de Charles de Gaulle. Para ele, a Ile de Sein era «aquele imutável rochedo de granito» e seus habitantes «gente de qualidade».

O extraordinário vínculo entre um dos maiores líderes da França e um pontinho cinzento e desprovido de árvores no Atlântico foi forjado nos dias sombrios de 1940. Naquele ano, a França se rendera aos alemães, e muitos franceses, liderados pelo

Marechal Pétain, se conformaram com a derrota. Então, a 18 de junho, o General De Gaulle, embora virtualmente sem recursos, seguidores ou autoridade, transmitiu de Londres o famoso apelo a seus patriotas para que resistissem. Foi pequena a reação entre os franceses que tinham conseguido chegar a Inglaterra depois de Dunquerque. Numa concentração convocada para o Albert Hall, em Londres, a 2 de julho, De Gaulle conseguiu reunir apenas uns 500 voluntários.

A assembléia de Albert Hall deve ter sido uma decepção para ele, mas De Gaulle fez questão de inspeccionar seus recrutas. Perguntou a diversos, a esmo, de onde tinham vindo. E ouviu, repetidamente, a mesma resposta: «Da Ile de Sein, mon général.» «Mas quantos são da Ile de Sein?» perguntou De Gaulle, surpreso. «Cento e vinte e sete, mon général.» De Gaulle então correu os olhos experientes sobre a assembléia e exclamou: «Ora, então a Ile de Sein é um quarto da França.» De fato, todos os homens capazes da ilha haviam atendido ao seu chamado.

A ajuda dos ilhéus foi particularmente notável porque já tinham feito uma contribuição considerável ao esforço de guerra. De uma população de 850, 250 homens já tinham sido chamados. Os que ficaram podiam argumentar, com razão, que eram vitais para a sobrevivência da ilha. E mais, a notícia do apelo de De Gaulle foi espalhada oralmente apenas. Não havia eletricidade na ilha

e só três rádios funcionando com baterias. A Sr.^a Françoise ligara o rádio às seis da tarde, no dia 18 de junho, e, quando ouviu De Gaulle, abriu imediatamente e chamou os que passavam para ouvirem. A notícia se espalhou rapidamente e chegou aos homens da ilha quando voltavam do mar. A esperança aumentou em seus corações quando ouviram a proclamação do seu compatriota: «Nada está perdido para a França.»

Os preparativos começaram no dia seguinte. Barcos de pesca foram preparados e armas desenterradas de um esconderijo atrás do farol. Na verdade, os acontecimentos se precipitaram quando a gendarmaria de Audierne, no continente, ordenou que todos os ilhéus aptos se registrassem com os alemães. Mas os *sénans* tinham há muito tempo decidido lutar. O Padre Louis Guillerm, pároco da ilha, diz: «Claro que eu os encorajei a partir. Mas estava pregando a crenças. A decisão deles já fora tomada.»

Ao escurecer do dia 24 de junho, uma multidão composta em sua maior parte por mulheres e crianças enchia o cais quando os primeiros 51 ilhéus embarcaram num barco de suprimentos e numa pequena traineira. Dois dias depois, mais três barcos partiram. Aconteceu, porém, que esta pequena armada levou mais *sénans* para a Inglaterra do que foi calculado originalmente. Assim que chegaram ao alto mar, um grupo de adolescentes clandestinos começou a surgir. O mais moço, Jean-François Gueguen, que ainda

não tinha 15 anos, revelou seu cúmplice: «O Padre Guillermin nos disse onde poderíamos nos esconder», explicou. «E disse que ficaria muito surpreso se o capitão nos jogasse ao mar.»

E assim começou a fantástica aventura dos *sénans*. Os primeiros a juntar-se aos Franceses Livres na Inglaterra, os ilhéus formavam o núcleo da Marinha Livre Francesa e tomaram parte em todas as grandes batalhas navais do Mediterrâneo e do Atlântico. Participaram da invasão da Normandia e avançaram com as tropas aliadas através da África e da Europa. Lutaram também na Resistência dentro da França. Não é de admirar que a menção honrosa da Ordem da Libertação da ilha descreva este punhado de bravos como «o exemplo e o símbolo da Bretanha».

Tome-se por exemplo as experiências dos dois irmãos Gueguen. Ambos, Jean-François e Gabriel, de 16 anos, conseguiram entrar para unidades de combate falseando a idade. Jean-François, um artilheiro, sobreviveu a um naufrágio e recebeu uma citação por mérito antes do fim da guerra. Gabriel serviu no submarino *Minerve*, que conseguiu o recorde de 21 missões no Mar do Norte antes do fim da guerra, sem um arranhão.

Mas foi em seus próprios barcos de pesca que esses marinheiros experientes representaram seu maior papel. Sua tarefa era fazer a ligação entre a França e a Inglaterra. A princípio, parecia impossível, pois, em-

bora houvesse uma brecha no bloqueio alemão da costa francesa — a ponta sudoeste da Bretanha — tanto os alemães quanto os Aliados consideravam-na inacessível. Cheia de recifes e varrida constantemente por ventos tempestuosos, essa faixa da costa era, e ainda é, considerada uma das mais perigosas do mundo.

Tanto os Aliados quanto os alemães, entretanto, deixaram de levar em consideração a perícia e coragem dos *sénans*. Durante todo um ano, esses capitães transportaram homens, suprimentos vitais e mensagens entre a costa bretã e Gales. Um dos passageiros mais famosos a fazer esta rota clandestina foi o herói francês Comandante D'Estienne d'Orves. Quando voltou à França para assumir a chefia da primeira rede da Resistência, foi num lagosteiro de 30 toneladas, capitaneado por um *sénan*, François Follic.

Alguns *sénans* combateram dentro da França ocupada. Entre eles estava Felix Guilcher, que em 1943, com 21 anos, pulou de pára-quedas na França para assumir o comando da rede Scarlet. Durante sua carreira no movimento subterrâneo, Guilcher organizou a aterrissagem de 20 aviões de observação Lysander e bombardeiros e 30 cargas lançadas de pára-quedas e distribuiu armas, munições, dinheiro e papéis falsos a grande número de grupos da Resistência, tudo sob a vigilância sempre crescente dos alemães.

Outros podiam ser encontrados nas linhas de qualquer frente aliada.

Embora em pequeno número, estes *sénans* se encontravam uns com os outros a muitos quilômetros de sua ilha natal. Observe-se, por exemplo, a experiência de Yvon Kerloc'h. Ele e seus companheiros estavam abrindo caminho num campo de minas no deserto, na Líbia, tentando chegar às linhas aliadas, quando de repente ouviram um murmúrio à direita. A princípio, Kerloc'h não pôde entender que língua falavam. Então, como recorda hoje: «Ouvi alguém sussurrar 'gast'. Quando ouvi aquela imprecação bretã, compreendi que tínhamos conseguido. E esse alguém era um soldado francês da Ile de Sein!»

Em casa, mulheres, crianças e velhos mostravam tanta coragem quanto seus pais e irmãos no campo de batalha. A única arma de que dispunham era o desprezo, e usavam-na com eficiência. Sempre que uma patrulha alemã atravessava a vila, as ruas calçadas de pedras se esvaziavam como por magia. E quando, um dia, um oficial alemão perguntou por que as mulheres usavam vestidos pretos e toucas, recebeu a resposta ferina: «Estamos de luto pela França.»

Poucas comunidades pagaram um preço tão alto pela vitória como

a Ile de Sein. Dos 377 homens que partiram, enquanto durou a guerra, 32 morreram, foram dados como desaparecidos ou vieram a morrer mais tarde de ferimentos sofridos na guerra. A tristeza caiu sobre quase todas as famílias. Depois da guerra, os laços contraídos entre os ilhéus e o General De Gaulle nunca foram rompidos, nem sua confiança mútua abalada. De Gaulle visitou a ilha apenas duas vezes: uma, em 1946, quando, como chefe do Governo provisório, premiou-a com a Ordem da Libertação; a segunda vez, em 1960, como Presidente da França. Mas durante 25 anos De Gaulle se correspondeu com os ilhéus em cartas escritas por ele próprio e com frequência mandava lembranças àquelas que haviam perdido os maridos na guerra. «Para nós», dizem os *sénans*, «ele foi um homem afetuoso e generoso.»

Naquele dia de novembro de 1970, quando uma multidão se preparava para o serviço fúnebre na Catedral de Notre Dame, a Ile de Sein ofereceu seu tributo humilde. No porto, todas as bandeiras estavam a meio pau e a igreja de granito cinzento ressoava com as vozes dos ilhéus cantando a missa pelos entes queridos perdidos no mar.



ÀS TRÊS HORAS da manhã, acordei meu marido dizendo que as dores de parto tinham começado. Notando que o carro tinha pouca gasolina, ele pensou em tirar o combustível do aparador de grama, mas estava vazio. Quando finalmente encontramos um posto aberto, meu marido, nervoso, disse ao empregado: «Puxa, que sorte estarem abertos. O meu aparador de grama está sem gasolina.»

— J. M.